



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16585 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 06 - Educação Popular

Desafios e esperanças na escola pública: o encontro entre a Educação Popular e a Estética do Oprimido
Caroline da Silva Barbosa - UERJ/FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DESAFIOS E ESPERANÇAS NA ESCOLA PÚBLICA: O ENCONTRO ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E A ESTÉTICA DO OPRIMIDO

O presente trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, a qual investigamos a democratização do teatro pela via da escola pública no Rio de Janeiro. Neste ponto, pretendemos discutir a viabilidade da tomada dos meios de produção teatrais, conforme defende Augusto Boal (2010), pelos professores e estudantes das classes populares, quando inspirados em uma educação libertadora, seguindo os passos do mestre Paulo Freire (1996; 2006), e tendo por base a Estética do Oprimido (Boal, 2009), explorando o olhar sensível sobre o mundo, ensaiando para a vida em busca da transformação social. Nesse sentido, a escola pública é pensada como um lugar possível para o encontro do teatro e da Educação Popular. Para a atual fase deste estudo, utilizamos como método a pesquisa bibliográfica e a análise de dados apresentados em estudos recentes.

Defendemos a prática teatral com bases na Estética do Oprimido, porque ela propõe que o oprimido seja o “protagonista do processo estético, não simples fruidor de arte” (BOAL, p. 166, 2009). Portanto, “em diálogo com todas as culturas, queremos estimular a cultura própria dos segmentos oprimidos de cada povo” (BOAL, 2009, p. 46). A Educação Popular também conversa com nosso estudo, visto que ela “designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação libertadora, que é ao mesmo tempo gnoseológica, política, ética e estética” (FREIRE, 2006, p.59). Segundo Augusto Boal, “ao contrário da educação burguesa, a educação popular ajuda e estimula o espectador a fazer perguntas, a dialogar, a participar”

(BOAL, 2010, p. 216). Portanto, para nós, a escola pública é um lugar de encontros éticos e estéticos, de conhecimento, arte e de circularidade (BOAL, 2009).

No entanto, Esteban e Tavares (2013) provocam reflexões a respeito de uma efetiva democratização das escolas públicas. Argumentam que ainda há questões políticas epistemológicas a serem disputadas em busca de uma educação pautada no diálogo, na escuta e na participação, visto que esta escola ainda é pensada a partir de modelos homogeneizantes e seletivos, pautados em lógicas opressivas e bancárias (FREIRE, 2006). Somadas a essas reflexões, juntam-se as análises dos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira de 2022, elaboradas pelos pesquisadores Tiago Cruvinel e Túlio Silveira (2023), que apontam para o perigo do desaparecimento dos professores de teatro nas escolas públicas. Os autores mostram que no Brasil há apenas 1.827 professores de teatro em efetiva regência dentro de um total de 56.478 professores de Artes. Eles argumentam que esse possível desaparecimento pode acontecer devido às políticas neoliberais, como a terceirização, a precarização das condições de contratação, e redução de carga horária. Em pesquisa sobre o ensino da música no Rio de Janeiro, Silvia Sobreira e Andréa Fetzner (2024) mostram que em 2023 havia apenas 162 professores de Artes Cênicas em regência, o menor número de professores de arte quando comparados aos de Música e Artes Visuais. Elas mostram que esses números estão dentro de um universo de 1.549 escolas públicas municipais, o que gera grande preocupação, visto que a quantidade de professores não condiz com a quantidade de escolas distribuídas pela cidade.

É neste ponto que emergem os desafios encontrados na pesquisa: o primeiro diz respeito à preocupante quantidade de professores de teatro regentes nas escolas públicas do município, visto que esse número pode inviabilizar a nossa percepção de que é possível ocupar as escolas com o teatro em busca de um diálogo entre a Educação Popular e a Estética do Oprimido. O segundo é entender como esse número de professores tem conseguido encontrar espaço físico e político para trabalhar com essas práticas teatrais.

Apesar dos dados alarmantes, continuamos a investigar a viabilidade da democratização do teatro pela via da escola pública, porque acreditamos nos diálogos produzidos pelas classes populares. Concordamos com Freire quando afirma que a realidade “está sendo esta como poderia ser outra e é pra que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar” (FREIRE, 1996, p. 75). É na luta pela democratização do teatro pela via da escola pública que permanecemos em processo de pesquisa e em busca de caminhos possíveis para sua efetivação.

Palavras chave

Educação Popular; Estética do Oprimido; democratização do teatro.

Referências

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ESTEBAN, Maria Teresa; TAVARES, Maria Tereza Goudard. *Educação popular e a escola pública: antigas questões e novos horizontes*. In: STRECK, Danilo Romeu; ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). *Educação Popular: lugar de construção coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 293-323

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 39.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 13a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

SOBREIRA, Silvia; FETZNER, Andréa Rosana. *Não tem Dalcroze e Orff que deem conta: desafios iniciais da docência em música*. REVISTA DA ABEM, v. 32, p. e32101, 2024.
CRUVINEL, TIAGO; SILVEIRA, T. F. *Docentes com licenciatura em teatro na Educação Básica: dados quantitativos de 2022 das escolas públicas no Brasil*. SALA PRETA (USP), v. 22, p. 6-29, 2023.